

A CONEXÃO PLANETÁRIA

<i>Prefácio</i>	11
-----------------------	----

Capítulo I

MANIFESTO DOS PLANETÁRIOS

Auto-retrato dos planetários	15
A unificação da humanidade	18
Centro e periferia em um mundo interconectado	26
O fim das fronteiras	33
A aventura da consciência planetária	39
Do nicho animal ao mundo humano	44
Em face da biosfera	49

Capítulo II

A ECONOMIA VIRTUAL

Realidade da economia virtual	51
Fundamentos da economia das idéias	60
Elogio ao <i>Homo economicus</i>	68
A convergência do <i>Homo economicus</i> e do <i>Homo academicus</i> no ciberespaço	77
A cooperação competitiva e a inteligência coletiva	88
A economia da atenção	108

Capítulo III

A SUBIDA EM DIREÇÃO À NOOSFERA

A cultura universal	125
A cibercultura	137
A esfera das formas	148
A educação do futuro	153

Capítulo IV

A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Além das divisões sociais	157
A consciência e a ecologia mental	163
A evolução cósmica e a exploração das formas	174
<i>Conclusão</i>	187

PREFÁCIO

Quando eu tinha oito anos, disse a mim mesmo: “Mas quando é que as guerras vão acabar? Quando é que a maioria das pessoas irá enfim se dedicar à ciência e ao amor?”. Eu me perguntava também: “Que idade terei no ano 2000?”, porque imaginava que nesse momento as coisas estariam melhores. Eu estava apaixonado pelo futuro: passava meu tempo na biblioteca municipal, lendo livros de física e de astronomia. Eu queria compreender. Quando eu tinha oito anos, dizia às pessoas: “Vocês verão, iremos até a lua, e ainda mais longe”. Tratavam-me como um sonhador: no dia do meu oitavo aniversário, marquei um encontro com o ano 2000. Eu dava esse tempo à humanidade para que me mostrasse do que ela era capaz. Não havia outra coisa que me interessasse: o que nós, os humanos, estávamos em via de nos tornar, e eu não mudei. O ano 2000 chegou, eu vi, e decidi tomar o partido da humanidade.

Decidi amar este mundo tal qual ele é. Adotando essa atitude, tenho a clara sensação de compreendê-lo melhor do que se eu o acusasse ou criticasse. Este livro é um canto de amor ao mundo contemporâneo e ao futuro que ele traz em seu seio. Eu o amo e o canto muito, simplesmente porque não há outros.

Quando percebemos o mundo *tal qual ele é* como o melhor dos mundos possíveis, quando não há, portanto, mais a necessidade de imaginar uma perfeição que não existe senão em nossa pequena imaginação limitada, então, podemos começar a estudar seriamente o mundo real. Compreendendo-o, compreendemos a perfeição, isto é, o movimento de aperfeiçoamento dinâmico que o anima.

O mundo que se edifica hoje não é “perfeito”, no sentido de que não corresponde efetivamente a nenhuma idéia preconcebida. Ele não é tranqüilizador nem protetor. Surpreendente, ele está incessantemente no limite do caos e da desorganização. Mas é precisamente nessa borda da ordem e do caos que se situam a invenção e a energia espiritual máxima. Todos os outros estados são piores.

De agora em diante, a grande aventura não é mais aquela de países, de nações, de religiões ou de *ismos* quaisquer; a grande aventura é a aventura da humanidade, a aventura da espécie mais inteligente do universo conhecido. Essa espécie ainda não é completamente civilizada. Ela ainda não tomou consciência integralmente de que forma apenas uma única sociedade inteligente. Mas a unidade da humanidade está se fazendo agora. Após tantos esforços, é enfim chegada a unificação da humanidade, sob uma forma que nós não esperávamos: não é um império, não é uma religião conquistadora, uma ideologia, uma raça pretensamente superior, uma ditadura qualquer; são imagens, canções, o comércio, o dinheiro, a ciência, a técnica, as viagens, as miscigenações, a Internet, um processo coletivo e multiforme que brota de todo lugar. Que acontecimento extraordinário! Tentei, neste livro, identificar a unidade da corrente que nos leva e dar um nome a esse processo: a expansão da consciência.

Não prometo ao leitor uma verdade “científica”. Prometo apenas que após ter lido honestamente este livro, ele verá mais amplamente.

Não olho exatamente os mesmos objetos que os rabugentos. Mais do que me alinhar com aquilo que morre, eu me encanto com o que cresce. Na grande roda da vida, os dois movimentos, nascimento e morte, são complementares. Tento aqui dar a ver o que está nascendo. Não desconheço de forma alguma a podridão. Tento elevar os olhos em direção à rosa que desabrocha acima disso. O problema não é saber se se é otimista ou pessimista, é saber para onde dirigir o olhar.

Que possa o som do meu pequeno bandolim, acompanhado de todos os instrumentos e de todas as vozes que cantam a

mesma canção de amor em todos os lugares do planeta, que possa essa pequena música transpor o baixo uivante das sirenes* do medo, do ódio e do desespero.

* Jogo metafórico envolvendo o termo francês *sirène*, que representa tanto sirene quanto sereia, personagem mitológica que, com seu canto, atrai os navegantes para a desgraça. [N. dos T.]